

Introdução

Há hoje um grande consenso em torno da importância e do significado do magistério pedagógico e intelectual de Manuel Antunes, considerado um dos mais notáveis pensadores do século xx português.

O Padre Manuel Antunes, SJ, deixou-nos uma obra escrita considerável, quase sempre em forma de artigos e ensaios publicados nas revistas da Companhia de Jesus, na Enciclopédia *Verbo e Logos*, tendo assinado muitos dos seus textos com recurso a 126 pseudónimos. Alguns destes textos deram origem a livros de referência, entre os quais podemos destacar *Indicadores de Civilização* e *Repensar Portugal*. Entre 2005 e 2012 a Fundação Calouste Gulbenkian publicou a sua *Obra Completa* em 14 volumes, onde se podem observar a diversidade de temáticas tratadas e refletidas criticamente por Manuel Antunes, desde a teoria da cultura, a educação e a filosofia, passando pela crítica literária, a teologia até às relações internacionais. Um aspeto distintivo do seu magistério intelectual é o carácter prospetivo do pensamento quando trata de tendências e perspetivas do mundo e do homem contemporâneo. Por isso, ainda hoje mantém atualidade alguma da análise e perspetivas críticas deste que pode ser considerado um dos mais argutos hermeneutas da cultura e das sociedades hodiernas do século xx português. Senhor de uma escrita límpida e acutilante, deixou-nos sínteses críticas que se tornaram referência em domínios como a crítica

literária, a cultura clássica, a filosofia, a teologia, a história da cultura, a educação, para fazer a «radiografia» do homem e das sociedades hodiernas, a análise política e as relações internacionais. Os seus textos, publicados desde os anos 40 do século passado até à sua morte em 1985, ainda hoje podem ser lidos e meditados com proveito e ser inspiradores para compreender o nosso mundo e atender aos desafios futuros.

Talvez um dos aspetos mais singulares deste intelectual seja o de, sendo especialista de cultura Greco-Romana de há mais de 2000 anos, se ter tornado um dos mais argutos intérpretes das sociedades globalizadas em que vivemos.

Manuel Antunes é, com efeito, uma personalidade inspiradora que nos faz centrar no essencial e nos altos valores da cultura e do espírito. É um sábio do tempo longo, da necessidade de calma e do silêncio para o amadurecimento, que considera a cultura um bem de primeira necessidade. Foi aquele professor que, quando convidado, em 1957, por Vitorino Nemésio para assumir a docência da disciplina de História de Cultura Clássica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, exclamou que precisava de pelo menos 10 anos para se preparar para essa responsabilidade. Quando ministrou, durante décadas, as suas aulas no Anfiteatro I daquela Faculdade, a mais de 15 mil alunos, brilhou pela imensidade e solidez do saber que transmitia às novas gerações, usando a sua vasta ciência sobre o mundo clássico e a civilização ocidental na longa duração, para compreender e dar a compreender o mundo seu contemporâneo e os desafios do futuro para humanidade.

Ensinou-nos que a produção e a acumulação de conhecimento precisam, nos tempos vertiginosos da tecnicização do cosmos em que vivemos, de ser acompanhadas de sabedoria e banhadas por uma espiritualidade libertadora de um materialismo redutor. Ao Padre Manuel Antunes, conhecido

pela sua sensatez, pelas apreciações equilibradas e ponderadas, muitos, jovens e menos jovens, políticos e escritores, pediam conselhos. Teve um papel discreto, mas influente, na procura de caminhos acertados na fase complexa de transição da ditadura para a democracia que emergiu da Revolução dos Cravos, em abril de 1974.

Era um estudioso e um pensador de «banda larga». Tanto dominava os autores clássicos, Homero e Platão, como conhecia bem e dialogava com os mais contemporâneos e, especialmente, com os autores que se situavam na fronteira crítica da cultura cristã: desde Marx a Sartre. Como pedagogo impressionava pela profundidade e abrangência do seu conhecimento, mas também pela capacidade de compreender os grandes dinamismos da história e da cultura. O seu saber não era um saber morto, mas um saber vivo e inspirador para as novas gerações, que dele recebiam chaves de leitura para, situando-se no tempo e na história, recriarem o presente.

Alguns textos seus anteciparam tendências analíticas de perfis e da anatomia do homem das sociedades da informação e globalização. Intuições e percepções passadas a escrito nos anos 60 e 70 do século passado e que mais tarde viriam a encontrar desenvolvimento e fortuna em autores internacionais de grande relevo. Artigos seus sobre o homem-espuma, o perfil da juventude dos nossos dias, a sociedade de informação, sobre o homem-máquina, sobre mínimos de utopia e a importância desta como tempero da história não deixam de antecipar em modo de intuição analítica ensaios de autores famosos como um Gilles Lipovetski e a sua *A Era do Vazio*¹ ou a mais recente *Utopia para Realistas* de Rutger Bregman².

¹ LIPOVETSKY, Gilles, *A Era do Vazio. Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo*, Lisboa, Relógio d'Água, 1989.

² BREGMAN, Rutger, *Utopia para Realistas*, Lisboa, Bertrand, 2018.

Por estas e outras razões, a biografia que escrevemos sobre o Padre Manuel Antunes para coroar a edição crítica da sua Obra Completa publicada pela Gulbenkian demonstra como ele merece o título de pedagogo da democracia e da liberdade, de que é emblemático o livro que nos legou, intitulado *Repensar Portugal*. Este livrinho deveria ser um manual de leitura obrigatória para os políticos, como aconselhava o seu colega de Faculdade, o Prof. Lindley Cintra.

O Padre Manuel Antunes tinha um pensamento prospetivo e foi um grande intérprete do Homem e das sociedades contemporâneas, tendo antecipado derivas e tendências que se vieram a confirmar como válidas. Ainda hoje podem ler-se com proveito, porque mantêm grande atualidade, os seus textos sobre educação, sobre a antropologia do homem e da mulher hodiernos, sobre o perfil da juventude da sociedade de informação e do divertimento; como também são ainda espantosamente surpreendentes, pela sua capacidade de antevisão, os textos que escreveu, nos anos 60 e 70, sobre a China, a Rússia, o Médio Oriente, o Japão, o Brasil, a Comunidade Económica Europeia, a América e sobre os mais diversos países e centros nevrálgicos do mundo, no quadro das análises que escreveu na revista *Brotéria* sobre política e relações internacionais.

Fundamentalmente, o Padre Manuel Antunes era um intelectual humanista e preocupado com a construção de uma ciência e uma cultura de rosto humano. Sendo professor e estudioso de tudo o que ao ser humano dizia respeito, implicou-se na vida das pessoas e participou nas dinâmicas políticas, sociais e religiosas do seu tempo. Era um intelectual comprometido e um mestre do diálogo com todos. Legou-nos esse exemplo extraordinário de

acolhimento e de abertura à diferença, procurando tudo integrar e compreender pelo olhar da fé e da razão. Tornou-se, por isso, um conciliador de mundos: do mundo clássico com o mundo moderno, da fé com a razão, da ciência com a sabedoria, sem falar do seu empenho em aproximar e compreender personalidades desavindas e frentes de pensamento incompatíveis. Deste modo, ainda hoje o Padre Manuel Antunes é impressionantemente admirado por pessoas de todos os quadrantes políticos e ideológicos. Um caso absolutamente raro na história da cultura portuguesa. Um padre, um jesuíta, um professor da segunda metade do século xx considerado, desde a esquerda à direita, por crentes e não crentes, um modelo de sábio humanista, que inspirou caminhos melhores para a vida em democracia.

Neste ano em que assinalamos os 100 anos do nascimento desta figura maior do pensamento português, um século depois do fim da Primeira Grande Guerra Mundial, importa não tanto engrossarmos o coro de louvores do homem e da obra, mas tomando o homem e a obra como pano de fundo, cumprirmos o ofício de pensar criticamente o nosso presente e o nosso futuro individual e coletivo. As palavras de abertura de um texto denso de Gama Caeiro escrito para o livro de homenagem que a Faculdade de Letras publicou no ano da morte do seu grande mestre iam neste sentido:

«A homenagem mais válida prestada a um pensador será, não tanto a do elogio grandiloquente de tom encomiástico, mas a do austero esforço de compreensão da sua obra, na atitude dialogante do ‘pensar com’ o próprio autor. Mormente quando este nos legou, na brevidade da sua vida, aquela fecunda *ars longa* da feição poliédrica, questionante e estimuladora de novos questionamentos, como é o caso

vertente do universitário agora homenageado, o mestre exemplar da reflexão que foi o Padre Manuel Antunes»³.

É por tudo isso que o centenário do nascimento do Padre Manuel Antunes vai muito para além da evocação de uma data de aniversário de alguém que deixou fundas pegadas na história. Vai muito além porque a raríssima personalidade deste homem ascendeu a um universo de valores a que também aspiram todos os homens de bem que, por reconhecerem nesse universo a sua pátria espiritual, para ele tendem espontaneamente. Precisam, porém, de ser educados para que a excelência e sedução de ideal tão exigente se converta em práticas de vida individual e em organizações sociais ao serviço de relações humanas justas, livres e empenhadas na criação de bem-estar para todos.

A recolha de textos que podemos ler nesta antologia representa uma pequena amostra do que foram os caminhos da magistral arte de pensar e de escrever cuja cartografia total está amplamente exposta na densa e exemplar prosa doutrinal contida nos catorze tomos da *Obra Completa*. Organizados à volta de quatro temas maiores – compreensão, cultura, Igreja, educação – remetem para o processo de mudança e renovação da existência humana, revelando-se ao mesmo tempo como reflexo da consciência aguda de tempos de crise e do compromisso de os encarar de frente, sem medo, e com a coragem de quem continua firme na esperança.

É próprio da condição humana viver a experiência da interrogação, tanto aquela interrogação que desabrocha nos

³ CAEIRO, Francisco Gama, «A noção de filosofia na obra de Manuel Antunes: Em torno do problema das Filosofias Nacionais», in *Ao Encontro da Palavra: Homenagem a Manuel Antunes*, Lisboa, Faculdade de Letras, 1985, p. 9.

porquês candidamente provocatórios da criança, como a que inspirou e continua a inspirar a reflexão dos pensadores desde os primórdios da filosofia entre os gregos. A esse questionamento constantemente reiterado responde o propósito do nosso autor que se esforça por compreender e ajudar a compreender o mundo e o homem no seu universo de relações e interdependências. Ele mostra que a arte de compreender se aperfeiçoa a partir de critérios simples mas indispensáveis. Lembra-nos, por exemplo, que não chegaremos à compreensão seja do que for se não soubermos observar e observar bem, isto é, sem preconceitos, sem precipitação, e sem ficar pelo descritivo, isto é, pela rama das coisas, das pessoas e das situações.

Se observar com atenção é passo fundamental para compreender, não podemos, no entanto, ficar por aí. A operação do observador atento não finda quando se sente habilitado a descrever o que viu. Prossegue no desejo de aceder ao interior do fenómeno que se dá a ver, mas cuja interioridade essencial permanece secreta. O movimento de quem observa parte de fora para dentro, de maneira que o interior procurado, sendo, antes de mais, o interior do objeto que cativa a atenção, torna-se igualmente pertença interior de quem observa. Quem quer que progrida na devassa dos segredos do real depressa descobrirá em si mesmo reflexos desse processo.

Partir de fora quer dizer ter os pés bem assentes no chão e não deixar que os cantos de sereia embalem e adormeçam o espírito em berço de ilusões. No confronto com as asperezas e ambiguidades do estado real do mundo, a consciência desperta do estado de sonolência, distração, indiferença, robustece o seu poder de reação, torna-se vigilante e exorciza o risco de surpresas com danos irreparáveis. O que assim se alcança redonda em lucidez, realismo e força para integrar

a inevitável complexidade do mundo na gestão que os seres humanos têm de fazer das suas vidas.

A observação fomenta a vontade de compreender e melhor perceber o que são e como funcionam coisas, pessoas, instituições, e de que modo interage este universo. O que nestas operações está em jogo transcende não só o que o conhecimento científico pode desvendar ou a intuição estética consegue exprimir. Trata-se do sentido da vida e das máximas que devem orientar as escolhas do que em cada situação se deve fazer. É do discernimento do que há de ser uma ética da intervenção responsável no mundo em acelerada mudança que nos falam estes textos oportunos, luminosos, sábios. Neles, irradia o autor uma sensibilidade antropológica generosa e caleidoscópica. Sem sombra de maniqueísmo, desdobra a complexa e, tantas vezes, contraditória condição humana, em múltiplas figurações que obrigam a pensar e perante as quais nos temos de definir. É ainda o olhar de observador perspicaz da sociedade atual e o estudioso da história da cultura greco-romana e da cultura moderna que identifica, caracteriza e avalia os muitos rostos com que o homem se foi perfilando no decorrer dos séculos. São carregados os traços com que desenha o rosto do homem-espuma ou com que realça o contraste entre o homem-mecânico e o homem-misericordioso. Mas entre vícios e virtudes, misérias e grandezas, cobardia e heroísmo, a alma deste discurso de profunda inspiração ética não é senão a evidência da *res sacra homo*, o culto da dignidade humana. Definem esta dignidade aqueles valores com que no decorrer dos séculos se distinguiram por mérito reconhecido os melhores de todos nós, os heróis, os sábios, os santos. Transpostos do mundo das ideias simpáticas e virtuosas para o espaço concreto onde se travam as lutas do quotidiano, tantas vezes ingratas, os valores não

se esgotam no que é útil e lisonjeia os sentidos, nem tão pouco em manifestações de pura filantropia.

A dignidade do homem, celebrada e promovida nestas páginas, goza de um fundamento transcendente. Ele é filho de Deus, criado à sua imagem e semelhança. Está chamado a participar como membro ativo do Reino de Deus na história da salvação. Para cumprir missão tão sublime precisa de ajuda e orientação. O principal e mais fecundo veículo através do qual se presta ajuda aos novos membros da comunidade humana chama-se educação. Começa esta no seio da família e com a escolarização passa para a alçada da sociedade que assim prolonga e serve de complemento ao trabalho pedagógico do núcleo familiar. Durante os ciclos e níveis dos anos de formação o ser humano colhe da experiência, saber e dedicação dos mestres os ensinamentos com que vai iniciar a vida ativa. Sem instrução não possuiria os saberes teóricos e práticos que o habilitam para o exercício de uma profissão. Sem educação, a maneira de se relacionar com os outros e de participar na vida em sociedade dificilmente se resolveria de modo ordenado e harmonioso.

Pessoas instruídas e bem formadas são as pedras vivas com que se edificam sociedades democráticas, prósperas e felizes. Haverá alguém que não ambicione ser cidadão de sociedades organizadas para garantir a todos liberdade, justiça, bem-estar, paz e felicidade?! Mas como encontrar essa sociedade onde em tudo e para todos triunfe sem falhas a ordem perfeita e a absoluta harmonia?

Ainda que a realização plena desse projeto ideal não exista em nenhum lugar, os homens em geral sentem que ele continua a ser almejado e a ser objeto de iniciativas destinadas a torná-lo mais próximo. É sabido que a imperfeição do ser humano e a inevitável experiência do mal serão sempre obstáculo intransponível a impedir

a sua implantação. O obstáculo, todavia, atua também positivamente, enquanto estímulo e motivação moral para jamais se desistir de aspirar à concretização desse projeto.

O que nestas páginas sábias, equilibradas, pedagógicas se expõe é um pequeno manual de boas práticas de pensamento aptas a formar a consciência crítica de pessoas livres e esclarecidas, prontas a participar no desenvolvimento pessoal e na reforma da sociedade. Não faltam avisados conselhos e reflexões inspiradas nos mais nobres padrões do humanismo personalista que devem presidir à atividade pedagógica da escola formal, desde os primeiros anos até à formação de nível superior e ao longo da vida. Acresce a esse trabalho educativo o que o autor chama «direção da consciência pública» e que considera de urgente atualidade, tarefa necessária para os dias de hoje. Tanto mais necessária quanto o pluralismo cultural da sociedade contemporânea, ao aumentar a diversidade de caminhos e estilos de vida, abala a confiança nos valores da tradição e potencia a insegurança e o desnorte. Não estamos perante uma proposta que se possa considerar de invenção recente. A direção da consciência pública faz parte da vida das sociedades, desde as épocas mais remotas, tomando formas várias em conformidade com as características das diferentes culturas. O mundo helénico escutava os ensinamentos dos seus sábios. O povo hebreu era confrontado com as exigências da Aliança nas mensagens que lhe dirigiam os profetas. As comunidades cristãs seguiram as orientações dos apóstolos e dos seus sucessores, os bispos e o clero em geral. No dealbar dos tempos modernos desempenharam essa função os humanistas, função em que se distinguiu a figura de Erasmo de Roterdão. No mundo europeu do século XVIII, a direção foi sendo assumida pelos «filósofos», os corifeus das Luzes. Depois, a razão, sempre mais dis-

putada por projetos e tendências contrastantes, falou à consciência pública pela voz de escritores, de cientistas, de pensadores sociais.

Manuel Antunes foi, a partir da segunda metade do século xx, uma das mais respeitadas vozes a fazer-se ouvir por parte considerável da consciência pública em Portugal. Os tempos eram de «guerra fria». Se já havia então forte percepção de crise na vida das sociedades e no espírito das pessoas, verificamos hoje que a crise se tornou global e o risco de novas guerras entrou a fazer parte do quotidiano. Sofremos de um défice de qualidade humana e de sentido de responsabilidade por parte dos mais poderosos condutores políticos. Inquietos por uma crise que sabemos ser atual e permanente, não só não dispomos de sinais que anunciem o seu fim, como somos bombardeados a toda a hora por informações sobre o seu agravamento, a começar pelo cada vez mais periclitante estado de saúde do planeta.

Por tudo isto, a necessidade de direção da consciência pública, reclamada há décadas pelo espírito lúcido e vigilante do mestre jesuíta, tornou-se nesta nossa época de perigosas encruzilhadas uma instância vital. Está em jogo a descoberta do rumo seguro para, sem atropelar valores e justos interesses dos muitos sectores que compõem a comunidade humana, construirmos um mundo onde todos os homens gozem de mais liberdade, mais justiça, mais bem-estar e mais paz. Torna-se inevitável a pergunta sobre quem poderá preencher as exigentes condições para assumir na atualidade função de tamanha responsabilidade. Seria, como se compreende, pouco sensato atribuir esse papel em exclusivo seja a quem for. Nem a complexidade crescente do mundo real cabe na cabeça de um único homem, nem a chave mágica que pode abrir as portas de um futuro sustentável de paz, bem-estar e felicidade para

todos está nas mãos seja de quem for. Apostar em tal resposta seria cair na embriaguez da *hybris* mais insensata.

Para desempenhar tão importante tarefa é preciso contar com todos, pois a todos e cada um diz respeito a preparação do que, posto em prática, deve criar os meios de reforma que assegurem perspectivas menos sombrias para os dias de amanhã. Acrescente-se que, dependendo embora do contributo de cada um, a direção da consciência pública tem de mobilizar, antes de mais, os «especialistas em humanidade» que, como Manuel Antunes se apressa a esclarecer, «não são, forçosamente, os especialistas em ciências humanas». «Especialistas em humanidade» são os que por amor da justiça e da paz apontam, pelo exemplo e pela palavra, o caminho do bem comum, da solidariedade e da dignidade de ser pessoa. São os homens sábios que mobilizam os recursos do conhecimento e da experiência em projetos de humanização das instituições e das comunidades, não em campanhas destinadas a conquistar poder económico, social e político para exercer domínio sobre os outros. «Especialistas em humanidade» são os novos profetas, generosos intérpretes da voz da consciência universal que habita no íntimo mais puro e genuíno das consciências individuais.

Como não reconhecer nos traços tão vincados deste retrato o perfil do perito em humanidade que foi o Padre Manuel Antunes?! A ele se ajusta na perfeição, por isso mesmo, o desempenho de orientador da consciência pública, especialmente da consciência pública da sociedade portuguesa. O testemunho de exercício tão fecundo e oportuno encontra-se nesse novo «evangelho português» do Portugal democrático, o excelente programa de existência coletiva intitulado *Repensar Portugal* (1979). Jogava-se, então, em contexto de enorme turbulência ideológica, social, política, o destino do país. Reinava a incerteza

quanto ao que deveriam ser as melhores escolhas para garantir o futuro de um povo carregado de história, mas que acabava de renascer para uma vida nova e que não podia repetir erros passados, alguns bem próximos. Cooperar na formação da consciência pública e sensibilizá-la para a adoção de atitudes e padrões de comportamento que, na fidelidade ao melhor da história do povo português, integrem os valores de liberdade, solidariedade, justiça e democracia era desafio urgente para um intelectual na cidade dotado de profundo sentido de responsabilidade.

Manuel Antunes não foi o único despertador de energias adormecidas a apelar à consciência dos homens bons e a propor linhas de rumo para a cidadania participativa, esclarecida e militante. Mas soube condensar, porventura como mais ninguém, com incomparável empenho e clareza um plano de salvação coletiva feito de propostas tão simples como decisivas para a construção do futuro. Respiremos, de entre muitas outras, que a «ambição de ter impede de realmente ser», «a técnica faz a história, mas só a misericórdia lhe confere sentido», «para afirmar a Eternidade não é preciso negar o tempo» e «não se é naturalmente democrata». Como tantas outras propostas de alcance intemporal que surgem ao fio da leitura desta obra, também estas têm valor universal. E sobre as revoluções social, económica, política e cultural desencadeadas a partir de abril de 1974, hoje como então, continua obrigatória e urgente aquela revolução, mais do que nunca em falta, sobre a qual o pedagogo da democracia interrogava as consciências: «e a revolução moral?».

José Eduardo Franco e Luís Machado de Abreu